

# Entre o feijão e a manga

**F**OI um restaurante em Campala, Uganda: olhei a carta e pedi um prato de que sempre gostei, um tradicional prato norte-americano, meio salgado, meio doce, *Boston's Baked Beans*. Quando veio, olhei novamente o menu: o que na realidade estava escrito ali era *Baked Beans with Toast*, feijão com torrada.

E era isso mesmo que estava em minha frente: um pouco de feijão mulato em cima de uma torrada. O leitor pensará que deve ser sem graça. E tem razão: é a coisa mais sem graça que pode haver, nem salgado nem doce, com sabor de feijão malfeito com torrada sem manteiga...

★

Um almôço de certa cerimônia no Cairo; mesa belíssima em uma sala cheia de objetos de arte, senhoras elegantes. Quando a dona da casa me perguntou se eu gostava de manga respondi depressa que sim.

A verdade é que adoro mangas, sou um violento e apaixonado chupador de mangas e há quanto tempo não ouvia falar em manga! Quase no mesmo instante, porém, comecei a suar frio: manga ali, naquele almôço elegante, devia ser uma tortura. A menos que viesse cortada, salada de mangas, que é fácil de comer, mas perde uma grande parte do gosto. Não: vinha inteira, com casca e tudo.

Olhei em volta, procurando aquela espécie de saca-rôlhas que a gente mete no caroço da manga para poder comer com faca e garfo — detestável saca-rôlhas, invenção diabólica! Tive vontade de dizer à senhora dona da casa que, na verdade, gosto muito de manga, mas manga me faz mal à pele, tem terebintina, como dizem algumas pessoas, e eu não estava passando muito bem do estômago, há tanto tempo viajando, comendo em hotéis e restaurantes. Ou então era melhor ser sincero, dizer que manga para mim é coisa para ser comida ao ar livre — de preferência na praia; que mangas costumam sujar-me as orelhas, às vezes, a nuca, às vezes, o lustro da casa, o vestido da terceira senhora à esquerda; que não, que jamais ousaria enfrentar manga naquele almôço tão fino. E a senhora

sorria me oferecendo a manga — parecia-se com a nossa manga-espada — e, como todo material cirúrgico para enfrentá-la, uma faca de sobremesa!

Tive vontade de levantar-me, passar imediatamente um telegrama para o Itamarati pedindo dispensa de minhas funções diplomáticas, tomar um navio, um trem, um cavalo, um avião, voltar para Cachoeiro, nunca mais sair de lá, de onde nunca deveria ter saído! Com a manga na mão, inventei uma pergunta qualquer para fazer à senhora que estava à minha esquerda, travei uma conversa animadíssima, eu queria era ganhar tempo para ver como é que os outros comiam manga — olhei para um lado e outro, ninguém quisera ou ganhara manga, só eu. Com a maldita fruta na mão voltei-me para a dona da casa resolvido a confessar que eu não tinha habilidade manual, competência física, traquejo mundano, nem capacidade intelectual, nem formação moral e altitude sentimental, para comer manga naquelas circunstâncias — quando ela me disse:

— Corte ao meio, como se fôsse um abacate.

Cortei. Ela então mandou que eu seguisse a parte de baixo e fizesse girar a de cima. Obedeci, e a parte superior ficou na minha mão, desligada do caroço. E ela me deu uma colherzinha, e eu comi como se fôsse um abacate. Estava uma delícia, igual à melhor manga brasileira, mas sem aquelas fibras que agarram a polpa ao caroço e depois, aos dentes.

Não me falem em manga Itamaracá, nem em manga Carlotinha: manga boa é no Egito. (Dizem que na Índia também, mas nunca fui lá.) Depois, no hotel, vi escrito *mango juice* na carta do *breakfast*; pedi, era uma beleza, e, segundo apurei, era de lata. No Brasil nunca ouvi falar de suco de manga; se alguém faz em casa deve dar muito trabalho. Utilidade desta crônica: que nosso Serviço de Fruticultura mande buscar caroços ou mudas de manga no Egito, para melhorar nossos mangueirais... E se isso der trabalho ao nosso embaixador lá, é bem feito: foi em sua casa que sofri êsses transes.

Quadrante II  
Radio Proq. Punks  
8.12.62  
Caminho do Povo  
17.10.82  
FLU 10/Nov. 82